



Boletim Goiano de Geografia

E-ISSN: 1984-8501

boletimgoianogeo@yahoo.com.br

Universidade Federal de Goiás

Brasil

Almeida Borges, Joyce; de Almeida, Maria Geralda
EXPERIÊNCIAS COM AS IDENTIDADES GOIANAS NO ENSINO FUNDAMENTAL DE GEOGRAFIA
Boletim Goiano de Geografia, vol. 29, núm. 2, julio-diciembre, 2009, pp. 199-211
Universidade Federal de Goiás
Goiás, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337127152014>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

EXPERIÊNCIAS COM AS IDENTIDADES GOIANAS NO ENSINO FUNDAMENTAL DE GEOGRAFIA

EXPERIENCES WITH THE IDENTITIES GOIANAS IN ELEMENTARY SCHOOL GEOGRAPHY

EXPÉRIENCE AVEC GOIANAS IDENTITÉS EN GÉOGRAPHIE DE L'ÉCOLE ÉLÉMENTAIRE

Joyce Almeida Borges - UFG - Goiânia - Brasil

joycealbo@yahoo.com.br

Maria Geralda de Almeida - UFG - Goiânia - Brasil

mgdealmeida@gmail.com

Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir como as identidades goianas são abordadas no ensino de Geografia em Goiânia, e como os alunos concebem o que é ser goiano, e o que faz parte de suas identidades. Ao longo dele identificamos as contribuições da educação na construção dos discursos identitários tendo como referência a percepção de estudantes e professores. As problemáticas que se pressupõem em torno do tema são de que na contemporaneidade é necessário discutir a diversidade cultural, os conflitos identitários socioculturais e territoriais para que os estudantes possam se reconhecer enquanto sujeito sociocultural, construindo um ambiente de respeito às diferentes identidades. Porém, aliar tais temáticas ao ensino de Geografia é um desafio. A princípio foi identificado que os livros didáticos não apontam os referentes temas e nem a realidade cultural goiana em suas interpretações geográficas. Professores e estudantes deram depoimentos sobre essa realidade no ensino de Geografia. Os procedimentos metodológicos utilizados para a realização do artigo foram leituras, técnicas diretas ao campo, entrevistas, questionários, mapas mentais, relatos e fotos.

Palavras-chave: Território. Identidades goianas. Ensino de geografia.

Abstract:

This article has the goal of discussing about how the goiana identities are approached in the Geography education in Goiânia, and how the students conceive what is to be goiano, and what is part of their identities. Over it we identify the education contributions in the identity speeches construction having as reference the students and teachers perception. The problematical assumed around the theme is that in the contemporaneity it is necessary to discuss the cultural diversity, the sociocultural and territorial identical conflicts for that the students would be able to recognize themselves as sociocultural subject, building an environment of respect to the different identities. However to ally such thematics to the Geography education is a challenge. In the beginning it was identified that the didactic books did not point the referred themes neither the goiana cultural reality in its geographic interpretations. Teachers and students gave testimony about this reality in the Geography education. The methodological procedures used to the article realization were readings, straight techniques to the field, interviews, questionnaires, mental maps, reports and pictures.

Key words: Territory. Goiana identities. Geography education.

Resumé

Cet article a comme objectif discuter comment les identités goianas sont approchées dans l'éducation de Géographie en Goiânia et comment les élèves conçoivent ce qui est être goiano et quoi fait partie de leurs identités.

Au cours de lui on identifie les contributions de l'éducation dans la construction des discours identitaires ayant comme référence la perception des élèves et professeurs. Les problématiques qui se estiment au tour du sujet ce sont que dans la contemporainité il est nécessaire discuter la diversité culturel, les conflits identitaires socio-culturels et territoriales pour que les étudiants puissent se reconnaître tant que sujet socio-culturel, en construisant un environnement de respect aux différentes identités. Néanmoins, allier telles thématiques avec l'éducation de Géographie est un challenge. Au début il était identifié que les livres didactiques n'indiquent pas les afférents sujets ni la réalité culturel goiana dans ses interprétations géographiques. Professeurs et étudiants ont donné des témoignages sur cette réalité dans l'éducation de Géographie. Les procédures méthodologiques utilisés pour la réalisation du article ont été lectures, techniques directes au champ, interviews, questionnaires, cartes mentales, rapports et photos.

Mots-clés: Territoire. Identités goianas. L'éducation de géographie.

Introdução

A sociedade atual vive um momento de crise nos aspectos ambiental, político, econômico e cultural. Ela está embuída de conflitos identitários com violências territoriais físicas e simbólicas. Esses problemas podem ser explicitados ou silenciados pelo ensino de Geografia, entendendo suas causas e consequências.

O descrédito político partidário, a democracia fracassada, a exclusão social, a miséria, a mendicância, o desemprego, a xenofobia, os conflitos étnicos e culturais, o consumismo, a mídia, as drogas, a religião, o sexismo, a “globocolonização”, os problemas sociais como um todo, afetam diferentes grupos identitários, e interferem em novas formas de delinear territorialidades.

Vivenciamos experiências cada vez mais individualistas, sem perceber as diferenças. Convivemos com a exclusão e as desigualdades territoriais de forma passiva, ignorando o “outro”. A sensação de conviver “bem” com pessoas excluídas, ditas “diferentes” com outras classes sociais, e de diferentes culturas expressa uma falsa harmonia social.

Um dos grandes problemas da sociedade atual é saber conviver com as diferentes identidades, como respeitar e valorizar as comunidades tradicionais, os grupos de cada etnia, as culturas regionais e os valores dos diferentes povos que habitam o espaço terrestre, pois a sociedade está cheia de conflitos que precisam ser evidenciados.

O objetivo deste artigo é mostrar que a educação na contemporaneidade, pode vislumbrar novas interpretações espaciais geográficas. Tendo em vista que um dos papéis do ensino de Geografia pode ser dar visibilidade para a desconstrução de falsos discursos identitários, interpretando os conflitos socioculturais e as diferenças territoriais em Goiás, já que a reorien-

tação curricular do estado diz que Goiás precisa ser discutido no aspecto econômico e cultural.

Esse artigo se divide em duas partes. A primeira delas tratará de algumas problematizações em torno dos conflitos identitários do território goiano e de como os estudantes concebem a pluralidade cultural em Goiás e o que é ser goiano para eles. Visualizaremos também as representações dos estudantes sobre a cultura goiana com base nos significados dos mapas mentais construídos pelos estudantes.

Na segunda parte destacaremos como as identidades goianas aparecem no ensino de Geografia, com as práticas pedagógicas e ferramentas didáticas dos professores como elementos possibilitadores de um ensino de Geografia com novos olhares para o território.

Mapeando as identidades territoriais goianas

As identidades indígenas em Goiás estão sendo expulsas espacial e culturalmente ao longo do tempo de seus territórios. A começar pelos grupos indígenas Kayapós que foram se refugiar no norte do país, além de várias outras como as Goyá, Apinajés, Kraô, Xerentes, Akroá, Xakriabá, Karajás, Akwê-xavante que foram dizimadas ou assimilaram os hábitos dos brancos, desde o século XVIII. (TEIXEIRA NETO, 2005)

Atualmente, “reesistem” em Goiás os índios Karajás, localizados em Aruanã, e os Avacanoeiros, localizados nos municípios de Minaçú/Colinas do Sul, no norte goiano e os índios tapuios em Rubiataba. Nos últimos anos, os Avá-Canoeiros têm sofrido o impacto da hidrelétrica de Serra da Mesa, realizado por Furnas Centrais Elétricas S.A., subsidiária da Eletrobrás, pois a hidrelétrica é vizinha à Terra Indígena Avá-Canoeiro. Além da área inundada de parte da Terra Indígena, ela é cortada por estradas, e outras obras da hidrelétrica Serra da Mesa. Os Avá-Canoeiros, que já viviam nessa região, após a construção do Lago da UHE da Serra da Mesa, os seis indígenas, moram na reserva indígena e abandonaram atividades como cerâmica, música com flautas, a pintura corporal e a plumária. A utilização de instrumentos e ferramentas de metal ainda é tradicional no grupo. (SILVA, 2009)

Os conflitos existentes no território indígena Avá-Canoeiro, e as práticas culturais dos povos Karajás evidenciam transformações territoriais identitárias que marcam a diversidade cultural de Goiás. Sobre as relações híbridas entre indígenas e não indígenas, a mercantilização cultural do Ka-

rajá, Lima (2009) destaca a comercialização de artefatos cerâmicos, a produção de boneca em cerâmica, o aluguel de suas terras para estacionamento de carros, a venda de peixes e o aluguel de espaços em praias a disputa pelo território apropriado pelos moradores da cidade e para práticas do turismo; readaptação sociocultural e de sustentabilidade econômica, o vandalismo, alcoolismo, etc.

Além disso, o território goiano, segundo Palacin e Moraes (2001, p. 82), “toda a geografia de Goiás era pontilhada por quilombos, alguns dos quais substituíram até nossos dias (mineiros, Crixás, Campos Belos, etc) sendo uma manifestação da constante luta do negro pela sua liberdade”. A população negra escravizada veio compor uma identidade em Goiás materializada pela presença de quilombolas.

Um dos grupos de quilombolas de maior representatividade, que re-sistem ao norte goiano são os Kalungas. Esse povo se estabeleceu às margens do Rio Paraná de negros fugidos das minas de Arraias, Monte Alegre e Cavalcante na região da Chapada dos Veadeiros em Goiás.

Segundo Baiochi (2006), Kalungas em bantu é Kalungangombe, um deus angolense, que quer dizer, “Deus das profundezas do globo terrestre”. O calendário dos Kalungas é repletas festividades, como a “Festa de Santo Antônio” com a “Cerimônia Maior” em que se observa o “Mormaço” do dia em diferentes períodos do ano, e a dança “Suça”, em que as mulheres rodopiam ao som do batuque equilibrando garrafas na cabeça, coçam-se umas nas outras, cantam, em um ritual de pagar promessas. Entre outras festas como Folias, São João, Festa do Divino, celebram a colheita, o plantio. Essas festividades podem enriquecer o ensino de geografia, e despertar a curiosidade e o respeito dos estudantes sobre as diferentes culturas.

Este grupo quilombola também apresenta atividades econômicas que dinamizam a região. Produzem artesanatos, doces, bolos em folhas de baneira, farinha, uma série de atividades que passa a compor a identidade econômica e sociocultural da região.

Desde a colonização em Goiás até a contemporaneidade, as identidades continuam sendo mescladas, exterminadas, enfraquecidas, fortalecidas, transformadas, reinventadas e problematizadas. Sejam elas de resistência, de dominação, de projeto, como afirma Castells (2000). Elas delineiam as principais transformações do território goiano, e marcam novas territorialidades socioculturais.

As identidades em Goiás não se resumem aos indígenas e quilombolas. Os diferentes grupos sociais migrantes, grupos alternativos, delineiam

discursos, ações, atividades econômicas, culturais, políticas e conduzem expressividades que caracterizam a formação do povo goiano. O ensino de Geografia pode tanto reproduzir os discursos da mídia, como desmistificá-los e criar contrapontos de interpretação sobre a realidade das identidades goianas.

Goiás é palco de diferentes ocupações territoriais, diferentes atividades econômicas que resultam em várias territorialidades sociais e culturais. As diversas formas de apropriação do capital e do cerrado goiano cria diferenças explícitas em todo o território estadual. Porém, a mídia ainda privilegia a ideia de “Estado celeiro do Brasil”, “Estado rural”. Precisamos mostrar aos estudantes que o Estado não é mais somente agrícola, possui uma região metropolitana que desenvolve atividades urbanas e terciárias de importância nacional.

O processo de urbanização, modernização da agricultura e industrialização, trazem modificações culturais de forma impositiva, sem respeitar as diferenças identitárias, o que gera assimilação cultural, principalmente pelas populações do campo, e as minorias étnicas. Isso tem ocorrido também no nordeste goiano, há áreas isoladas, e áreas que o capital do agronegócio e das usinas hidrelétricas e de outras atividades econômicas tem adentrado e mudado a configuração identitária das paisagens e das culturas. Essas mudanças e conflitos identitários podem estar acopladas aos temas do ensino de geografia, para que os estudantes compreendam os conflitos socioculturais presentes em Goiás.

O território goiano não possui fronteiras culturalmente delimitadas, uma vez que este influencia os demais estados brasileiros e é influenciado pela cultura de outros estados pela vinda de imigrantes que constituíram todo o espaço goiano. As múltiplas identidades de um determinado território compõem um mosaico em constantes construções e revitalizações, mercantilizadas, muitas das vezes, pela lógica do sistema capitalista, e sofre influências do mundo global. Assim, questiona-se até que ponto as identidades goianas foram apropriadas pelo capital e reconstruídas pelas ressignificações dos discursos midiáticos e pela força da homogeneização cultural.

Transformações no território goiano, ligadas às transformações do Brasil, podem explicar a fluidez das identidades goianas ligadas a uma rede globalizadora de informações, capital, cultura, símbolos. Elas nos ajudam a entender como as identidades goianas foram se construindo e, também, como as identidades foram se articulando aos territórios. Assim, o território

é símbolo das identidades e das territorialidades. Por exemplo, a Marcha para Oeste, a Construção de Brasília, de Goiânia de Palmas, das rodovias, dos lagos hidrelétricos, enfim.

O território goiano também é “caipira”, de povos “sertanejos” e “ceradeiros” como afirma Almeida (2008) em “diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo”. A autora tem como referência os Biomas Cerrado e Caatinga para discutir a identidade sertaneja, e afirma que para entender a essência brasileira é necessário entender as dimensões de enraizamento no território sertanejo.

Neste sentido, compreender Goiás, na contemporaneidade, culmina em entender a diversidade identitária goiana, coincidindo também em entender o sertão. Para Braga (2009, p. 23): “o sertão é um espaço criador de símbolos, identidades, valores, e representações que alicerçam a cultura goiana”.

Então, podemos considerar que o sertão é um dos componentes importantes para a formação da diversidade identitária de Goiás. E o cerrado também, no entanto, Mendonça (2004), associa cerrado às identidades goianas ao criar o termo “povos cerradeiros”, para se referir aos habitantes das áreas de cerrado.

Assim, compreender as transformações que perpassam o espaço goiano, o aglomerado de identidades, grupos urbanos e rurais, pessoas com diferentes classes sociais, gênero é um atrativo geográfico. A geografia vê a cultura como um todo e dentro de um contexto social a ser analisado, assim o ensino de Geografia pode vincular as identidades às questões sociais e territoriais de Goiás.

A percepção dos estudantes com relação à diversidade cultural goiana

Para entender como os estudantes percebem a diversidade cultural do estado de Goiás perguntou-se aos estudantes do 7º ano os nomes dos principais grupos indígenas e quilombolas goianos. Essa pergunta foi feita em 4 das escolas pesquisadas a 100 estudantes. Deles 60% não responderam a pergunta. E 10% afirmaram que não sabem.

Dos 30% dos estudantes que disseram saber os nomes dos grupos indígenas, 18% citaram nomes de etnias não presentes em Goiás, como “*tupi-guarani Kayapós*.” Deles, 2% inventaram nomes míticos “*caipora*” e outras designações como “*pataxó*”.

Quanto à localização dos grupos identitários a situação ainda é pior, pois 75% não responderam. E 10% disseram que não sabem. Os estudantes que responderam sobre a localização dos indígenas, 9% afirmaram que os índios em Goiás estão no Pará, na Amazônia, em Trindade e no Mato Grosso. Com exceção de 5% dos estudantes que destacaram a Cidade de Aruanã como a terra dos karajás. E um estudante que respondeu que os índios estão “*no Memorial do Cerrado*”.

No que se refere às características do modo de vida dos indígenas descritas pelos estudantes, 76% dos estudantes não responderam, e as principais afirmações sobre a cultura indígena citadas pelos 15% foram representações descritas nos filmes e novelas: “*os índios usam umas tangas de folhas, e umas pinturas no corpo todo*”. Isso demonstra que a escola e o ensino de Geografia não têm contribuído para desmistificar tais concepções. Afirmando também que: “*falam a nossa língua, usam roupa e chinelinha fina e não usam roupa e marca, esses trem que nem nós*.” Associam o índio a pobreza. Analisam o vestuário e compara com os brancos, como se não houvessem brancos que usassem roupas “pobres”. E quanto aos quilombolas também: “*eles são simples*”.

Outras características aparecem atrelando modo de vida ao vestuário e partilha: “*Eles se vestem agora mais adequados, mas ainda moram em oca e vivem em comunhão*”. Outros estudantes comentaram sobre o modo de vida indígena ligado a pesca, a caça, ao artesanato e preservação de suas tradições: “*Eles seguem sua cultura e suas lendas*”. “*Eles fazem roupa de palha, o modo de vida deles são diferentes, eles vive da caça e da pesca*.”

E ainda: “*Uns vende palha outros não vendi nada*.” Associam o modo de vida indígenas a produção de artesanatos, e instrumentos ligados a palha e elementos da natureza. Eles conseguem perceber a produção do artesanato como modo de sobrevivência desses povos.

E 7% dos entrevistados afirmaram frases que remetem a preconceitos com relação a um índio moderno: “*os índios tem até avião hoje em dia*.” “*Eles tem televisão, jogam bola, se parecem muito com os brancos dos dias de hoje*”.

Com relação à possível influência das aulas de Geografia no discurso dos estudantes sobre a cultura indígena podemos notar em 3% dos estudantes: “*Eles lutam pelo seu espaço*.” “*Os índios preservam o meio ambiente*”.

Quanto à existência dos grupos quilombolas em Goiás 10% dos estudantes citaram os Kalunga. No que se trata ao modo de vida dos quilombolas em Goiás 90% deles não responderam nada. Os 5% associam a vida

contemporânea dos quilombolas à vida passada dos escravos: “*Eles vivem iguais aos escravos de antigamente, trabalhando*”. “*Eles são pobres e trabalham muito. E quando eles não fazem o serviço direito eles são açoitados*”. “*Eles são muito sofridos*.”

Houve a exceção de 5% dos estudantes, todos da Escola Municipal Castorina Bittencourt onde se desenvolveu o projeto “Com raça” os estudantes afirmaram: “*Os Kalungas vivem em comunidade no norte de Goiás*”. “*Os quilombolas plantam, trabalham, fazem festas*”. “*Eles vivem como os negros que moram na roça*”. “*Eles vivem como nós*”. “*Eles plantam e produzem alimentos*”. Essas falas denotam a influência das aulas de Geografia e das atividades ligadas ao projeto que serão descritas mais adiante.

Com relação aos temas discutidos no ensino de Geografia relacionados à cultura 30% dos estudantes disseram que não aprenderam nada, 8% não sabem o que aprenderam, 4% afirmaram ter aprendido “*muitas coisas*”. Os 52% dos estudantes apontaram temas que aprenderam relacionados à cultura: “*O Cerrado. A diferentes culturas. As frutas do Cerrado. Coisas sobre o povo goiano. Que os indígenas lutam pelo seu espaço. Sobre os índios. Que os índios lutam pelo seu espaço. A cultura africana. Aprendi respeitar as culturas*”.

Percebe-se que o conceito de cultura entre os estudantes é também associado aos problemas ambientais. Um dos estudantes afirma o que aprendeu nas aulas de geografia sobre cultura goiana: “*Não jogar lixos nos rios*”. O que denota a ênfase a educação ambiental nas aulas de geografia.

O que é ser goiano para os estudantes do ensino fundamental

A pesquisa realizou-se em 5 escolas em Goiânia, a fim de saber como os estudantes vivenciam Goiás, como concebem a diversidade do Estado e como os elementos da cultura goiana são representados por eles. Foram, entrevistados 134 alunos de escolas públicas, tanto da rede estadual quanto municipal. E 30 alunos de escolas privadas. A faixa etária dos alunos entrevistados variam de 11 a 16 anos.

Dos 134 alunos entrevistados, 79% são nascidos em Goiás, ou seja, há presença de migrantes e de pessoas de outros estados, como Mato Grosso, Minas Gerais, Bahia, Tocantins, Pará, Pernambuco, etc. Para Penna (1992, p. 50-51) a identidade é formada com base em 4 elementos: a naturalidade, no caso os estudantes nascidos em Goiás; a vivência, o que faz parte de seu

cotidiano; a cultura, esta que se evidencia em suas práticas culturais e a auto-atribuição, que é quando o sujeito se reconhece como goiano, e possui uma autopercepção sobre esse fato. Esses elementos citados por Penna como formadores da identidade aparecem nas falas dos estudantes entrevistados, além de outras falas com demais elementos.

Os alunos destacaram o que para eles é ser goiano. E em suas falas sobre isso eles relacionam características cristãs como: “é gostar de ajudar aos outros” e “é ser trabalhador e gentil”, “é ser compartilhador”, “é ser amigo” “é ser forte.” Para estes estudantes ser goiano é ter bons princípios, isso é muito ligado à formação religiosa, e essas opiniões apareceram em estudantes de diferentes escolas, não só na Escola Adventista, que é uma escola com princípios cristãos em que se realizou a pesquisa.

Frases que são construídas e repetidas pela sabedoria popular também aparecem como: “é ser comedor de pequi”, “é ter o pé rachado”. Eles declararam opiniões também que revelam associação cultura e cotidiano em Goiás, como: “É aproveitar as festas”, “é saber sobre a história de Goiás”, “é jogar bola e ir pra igreja”, “é comer comidas típicas”, “é fazer parte das tradições”. Ou seja, esses alunos associam a identidade à questão cultural do cotidiano, das festas, das comidas típicas, tradições e da sabedoria.

E outros estudantes já consideram que ser goiano é como também ser paulista, ser mineiro, para eles não tem diferença, como afirma um deles: “É como ser uma pessoa qualquer”. Outro aluno da Escola Estadual Parque Amazônia tem uma opinião semelhante “é ser feliz é nada demais”.

Sobre o que é ser goiano os estudantes também repetiram frases ditas pelo prefeito de Goiânia como: “É ter carinho por Goiânia”, “é ter orgulho de morar em Goiânia”. Essas frases foram ditas pelos estudantes da Escola Municipal Leonízia Naves de Almeida, essa escola se localiza na periferia da cidade. Os alunos desta escola afirmaram terem ido em uma festa promovida pelo prefeito da cidade, em que eles ouviram essas frases, estas que são repetidas também em entregas de casas, programas de assistencialismo entre outras aparições políticas que marcaram o imaginário dessas crianças. Como o prefeito constrói seus discursos para construir uma identidade positiva dos moradores da cidade em que ele foi eleito, surgem essas frases que já são conhecidas pela maior parte da população.

Há frases que também demonstram criticidade, demonstram análise espacial do estado de Goiás, que podem ter influência do ensino de Geografia, como por exemplo, “é ser roceiro e ser um pouco da cidade”, “é ser respeitado e ter cidadania”.

As representações dos elementos culturais de Goiás

Os estudantes representaram o que faz parte da cultura goiana nos mapas mentais. Os principais elementos representados foram ligados a Natureza (25%): rios, cachoeiras, pé de pequi, árvores, flores, coqueiros sol, lagos, nuvens, seriema, vaca. Essas representações associam cultura a bem estar social e algumas trazem mensagens de preservação ambiental. A educação ambiental por ser tão evocada nas escolas, pode ter um papel influenciador nessas representações. Ela pode fazer com que os alunos associem cultura, a qualidade de vida, de que para viver bem, ter cultura, viver a cultura, é preciso estar conectado a natureza, e pode sofrer influência da mídia, e dos discursos políticos. A vaca sozinha em um dos mapas mentais pode significar a associação da cultura goiana ligada ao campo e as atividades agropecuárias.

Festas juninas (21%): fogueiras, bandeirolas, pau de sebo, barracas de comidas típicas, balões. A festa junina é a festa mais presente nas práticas culturais destes estudantes, então eles a concebem como parte de sua cultura e da cultura goiana. A imagem do goiano, associada ao caipira, o “da roça”, pode também influenciar as representações. Os alunos afirmam que gostam de participar destas festas.

As praças (11%): bancos, balanços, gramas, árvores, flores. As praças como lugares que eles mais frequentam em sua cotidianidade no bairro e na cidade, representam à cultura goiana do espaço vivido. Ela é um dos pontos de encontro entre os adolescentes, e as praças que se localizam em frente às escolas foram representadas também. E as representações das praças demonstram que parte dos alunos percebem a cultura como elemento do dia-a-dia, o que pode ou não ter influência do ensino de Geografia.

A mistura de elementos rurais e urbanos (11%): natureza e prédios, Nossa Senhora e prédios, comidas típicas e monumento Chafariz, abstratos. O misto de elementos rurais e urbanos revelam que os estudantes remetem a modernidade e a tradição como algo típico da cultura goiana.

A procissão do Fogaréu (8%): farricocos e tochas. A tradição reinventada na cidade de Goiás, copiada das lutas entre Mouros e cristãos da Europa também aparece como elemento da cultura goiana, mesmo sem muitos alunos nunca terem visto de perto a tal procissão. Esta procissão é ditada pela mídia como algo da cultura goiana, essa pode ser a explicação para a presença dela nos mapas mentais.

Além de campo de futebol (4%): que aparece como elemento do cotidiano cultural e esportivo dos adolescentes, o Teatro (3%), Zoológico (3%), animais, grades, pessoas e letras informando o local. Tanto o zoológico quanto o mutirama são espaços frequentados pelos estudantes de todas as escolas entrevistadas, mas eles representaram apenas o zoológico como espaço cultural.

E ainda o Bumba meu boi e saci pererê (2%) elementos representados de forma única e isolada. O bumba meu boi e o saci pererê também vão compor a cultura goiana pelo imaginário das crianças, o que demonstra a falta de discernimento entre folclore e cultura. Por não saberem o que representa a cultura goiana, acham que qualquer coisa relativa a folclore pode fazer parte da cultura de Goiás.

Grupo de dança e capoeira (2%), meninas dançando, e meninos jogando capoeira, berimbau, atabaque. Grupo de dança e de capoeira frequentados pelos próprios estudantes também são representados como elemento que compõe o mosaico das identidades goianas. A garota que desenhou o grupo de dança é a líder do grupo em seu bairro.

Jesus católico e igreja católica 2%: cruz e letras identificando, e a igreja com a cruz em cima. As festas religiosas ligadas à igreja católica são muito difundidas na mídia como elemento da cultura goiana, por isso os estudantes possuem tal representação, e também por freqüentarem algumas destas festas.

Rodeio (1%) ou “Festa do Pião” como a estudante nomeou, se encontra no interior do Estado na cidade de Itauçu. Ela representou isso porque possui parentes na cidade, nasceu e morou lá, e volta na cidade apenas para passear.

As identidades goianas no ensino na percepção dos professores de geografia

A Geografia tem contribuído para fortalecer os discursos midiáticos sobre Goiânia, ou é instrumento para construção de novas formas de pensar o que é viver em Goiás? Até o presente momento, é possível o ensino de Geografia interpretar a pluralidade das identidades territoriais goianas com base em 05 escolas em Goiânia onde foram realizadas entrevistas em 2009. Foram entrevistados 5 professores, destes 3 da Rede Municipal e Estadual, e 1 da rede Privada de ensino em Goiânia. A fim de interpretar como o discurso das identidades goianas tem sido conduzido no sistema educacional, e se a pluralidade cultural é discutida em sala de aula.

Algumas ferramentas na aprendizagem das diferentes territorialidades identitárias goianas, foram verificadas como uso de textos construídos pelo próprio professor com base em autores goianos, interpretação dos mapas do Estado e das sub-regiões de Goiás, exercícios de cartografia tendo como referência as cidades goianas, o estudo do cerrado e das comunidades tradicionais, a geografia física de Goiás e da região centro-oeste, as poesias e músicas sobre o Estado, debates sobre a música sertaneja, documentários produzidos pelos próprios estudantes sobre a cultura no bairro, pesquisas sobre as manifestações culturais goianas, e aulas no data show com imagens filmadas pelo próprio professor sobre comunidades tradicionais.

Considerações finais

Com as entrevistas realizadas até o momento percebe-se que a diversidade cultural, os conflitos socioculturais identitários, e a cultura de Goiás aparecem pouco no ensino de geografia em Goiânia, mas que os professores tem se empenhando na valorização das diferentes culturas, e no respeito diversidade entre os povos. Apenas uma escola desenvolveu um projeto em que se dá visibilidade às diferentes etnias.

Os estudantes possuem concepções do que faz parte das identidades goianas e do que é ser goiano, com base na influência da mídia, dos discursos políticos e do ensino de geografia. Eles possuem representações ligadas a esses elementos, e tem grandes dificuldades em perceber o modo de vida dos diferentes grupos em Goiás.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de (Orgs.). **Abordagens geográficas de Goiás:** o natural e o social na contemporaneidade. Goiânia: IESA, 2002.

_____ et al (Org.). **Geografia e cultura os lugares da vida e a vida dos lugares.** Goiânia: Vieira, 2008.

ARRAIS, Tadeu de Alencar. **Goiânia:** os discursos no urbano e as imagens da cidade. Goiânia: Editora da UFG, 1999.

BRAGA, Helaine da C. **A identidade sertaneja em Goiás:** um estudo a partir dos elos entre Geografia e a Literatura de Bernardo Elis. Dissertação de Mestrado. IESA: UFG, 2009.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** [trad: Klauss B. Gerhardt.] Vol. II. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTRO, Jânio Roque Barros de. Desafios e potencialidades da Geografia cultural nos espaços educacionais: uma abordagem reflexiva e propositiva. In: **VII Seminário Internacional sobre Território y cultura**. 24 a 27 de março de 2008. Goiânia, 2008.

CUNHA, Maria Pereira. **Apontamentos sobre identidade**. Goiânia, 2006. (texto não publicado)

HAESBAERT, Rogério; ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de. **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 5º edição. Rio de Janeiro: DPeA, 2001.

MARINHO, Marcelo Benfica. In: **Projeto de modernização de Goiás e construção de identidades**. Pág. 83 a 96. Revista da Universidade Estadual de Goiás-Unidade Universitária Pires do Rio-Goiás. V. 2. nº 2. Pires do Rio. Gráfica Pires do Rio, 2007.

NETO, Antonio Teixeira. O Território Goiano: Formação e Processo de Povoamento e Urbanização. In: ALMEIDA, Maria Geralda de (Orgs.). **Abordagens geográficas de Goiás: O natural e o social na contemporaneidade**. Goiânia: Iesa, 2002. Pág.11-46.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino**: identidades sociais, interesses e o escândalo Erun-dina. São Paulo: Cortez, 1992.

SILVA, Lorranne Gomes da. **Avá-canoeiro**: conflitos territoriais no cerrado do norte goiano - a resistência dos bravos. Artigo não publicado. Goiânia, 2009.

Joyce Almeida Borges - Mestranda do programa de pós-graduação em geografia da Universidade Federal de Goiás.

Maria Geralda de Almeida - Professora do Instituto de Estudos Sócio Ambientais da Universidade Federal de Goiás.

Recebido para publicação em Setembro de 2009
Aceito para publicação em Novembro de 2009